

Zé Menezes: lições de um multi-instrumentista

Marcello Gonçalves

UFRJ – goncalves.marcello@gmail.com

Resumo: Este recital-conferência apresenta resultados parciais da pesquisa de mestrado do autor, que trata da obra de Zé Menezes para violão solo, bem como alguns de seus desdobramentos. Multi-instrumentista virtuose, Menezes transportava com naturalidade peças de um instrumento para o outro. Com a morte de Menezes, o pesquisador está adaptando para o violão, a partir de procedimentos utilizados pelo compositor, peças originais para outros instrumentos, ampliando, assim, o repertório para violão solo.

Palavras-chaves: Zé Menezes. Violão solo. Aprendizagem oral.

Zé Menezes: Lessons from a Multi-Instrumentalist

Abstract: This conference recital contains results of the author's master research, that deals with the work of Zé Menezes for solo guitar and its ramifications. The virtuoso, multi-instrumentalist, Menezes naturally ported pieces written for one instrument to another. With Menezes's death, the researcher is adapting original pieces for other instruments to the guitar, based on practices used by the composer, thus expanding the repertoire for solo guitar.

Keywords: Zé Menezes. Solo guitar. Oral learning.

Introdução

Este recital-conferência constitui recorte de minha dissertação de mestrado (GONÇALVES, 2014) que trata da obra de José Menezes de França, com enfoque para o violão solo. Mais conhecido como Zé Menezes, o músico era multi-instrumentista autodidata, virtuose no bandolim, na guitarra, no violão tenor, no cavaquinho e no violão. Trabalhou na Rádio Nacional com Garoto e Radamés Gnattali. Tornou-se maestro da Rede Globo e figurou como músico e arranjador em gravações de discos de artistas da música brasileira a partir da década de 40.

O estudo original transcreveu e fez notação de quatorze peças de Zé Menezes, a maioria inédita, que foram compostas entre os anos 50 e o período desta pesquisa, incluindo duas peças compostas em minha homenagem.

As hipóteses estabelecidas no estudo foram: a) o estilo violonístico de Menezes veio, sobretudo, de sua experiência como músico e arranjador em bandas de música e orquestra, e do fato de dominar outros instrumentos, fazendo com que transportasse para o violão soluções técnicas e características idiomáticas praticadas nos demais instrumentos que tocava; b) é possível estabelecer uma versão escrita para a obra de Menezes sem subtrair o caráter aberto que ela carrega.

Os encontros entre mim e Zé Menezes forneceram rico material não só de sua obra como, também, da abordagem aberta que o compositor tinha em relação a ela; dos procedimentos de práticas interpretativas para se construir um repertório a ser executado e gravado e da relação compositor/intérprete. Organizados em forma de ensaios musicais, nesses encontros a obra de Menezes foi trabalhada em vários níveis: da apreensão oral às discussões interpretativas, idiomáticas e de possibilidades de notação.

Assim como a transmissão oral tem importância nesse contexto musical, o estudo valorizou, também, a oralidade no aspecto histórico, lançando mão do conceito de História Oral. Segundo Alberti (2005) o documento de história oral não tem como principal característica o ineditismo, pois “decorre de toda uma *postura* com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia *a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu*” (ALBERTI, 2005, p. 16, grifos da autora).

Tal conceituação ocorreu nesta pesquisa em relação à história do compositor e sua obra e também no que diz respeito ao registro do processo deste trabalho e da fecunda relação compositor/intérprete que se estabeleceu entre nós.

Em entrevista à bandoneonista Helena Rüegg, Menezes deixou claro sua posição quanto à interpretação de sua obra, inclusive se referindo a mim: “Eu quero que ele faça ele. Eu não faço questão que ele toque à minha maneira. Ele pega a música e faz do jeito dele. Ele tem que se libertar” (MENEZES, 2012a).

Uma vez estabelecida a importância do intérprete na obra de Menezes, a pesquisa buscou na literatura considerações sobre esse papel. Kaplan (2005, p. 9) afirma: “buscar a visão do autor é na verdade buscar a nossa visão do autor. Conhecer o autor é mais um elemento que o executante usa para construir uma interpretação coerente da partitura.”

Andrade (1995) considera que o elemento vital para a revelação da obra é o intérprete e que há diferença entre o imitador e o traidor: “O intérprete imitador é aquele que procura desaparecer diante da obra que revela. (...) Intérprete traidor é o que se serve da obra-de-arte alheia para se revelar a si mesmo. (...) Estes intérpretes são verdadeiros criadores” (ANDRADE, 1995, p. 64).

Falar com Menezes sobre violão e seu estilo não era simples, pois ele desenvolveu a habilidade de execução de vários instrumentos. Quando perguntei qual deles preferia, respondeu: “O que estiver na minha mão. O meu assunto é música.” Apesar do assunto de Menezes ser música, e não especificamente um determinado instrumento, era no violão que seus pensamentos musicais convergiam: “Já estudei muito bandolim, muito violão tenor. Hoje eu estudo violão para tocar bandolim, para tocar tenor” (MENEZES, 2013).

Conheci Menezes em 2004, convidado a participar da gravação do cd *Autoral - Regional de Choro*. O repertório era composto de choros de sua autoria, escritos para bandolim e violão tenor.

Impressionou-me seu “pensamento de multi-instrumentista”. Menezes passeava de um instrumento a outro com a maior naturalidade. Solando a melodia em todos eles e mostrando como havia pensado o acompanhamento nos instrumentos dos músicos que participavam com ele das gravações.

Há que se ressaltar que Menezes era um multi-instrumentista de fato, como talvez só haja paralelo, na música brasileira, em Garoto. Menezes possuía uma assinatura em cada um dos instrumentos que tocava; situação bastante diferente de um instrumentista que domina vários instrumentos mas que tem, em apenas um deles, sua assinatura.

Conforme se estreitavam os laços, Menezes começou a me mostrar sua obra para violão solo.

O Estilo Violonístico e a Obra de Zé Menezes para Violão Solo

Zé Menezes nasceu no dia 6 de setembro de 1921, em Jardim (CE). As primeiras notas de Menezes foram no cavaquinho, por influência de seu primo Nezinho.

Como não havia rádio nem televisão, a música era sempre feita ao vivo em saraus, e foi nos saraus, observando os outros músicos que Menezes começou a aprender.

Afonso Ayres foi a primeira influência violonística de Menezes: “Era um grande violonista (...) Era um cara desembaraçado, assim como o Yamandú. (...) Não sabia nada de música mas tinha um gosto de harmonia fora de série.” Outro violonista destacado por Menezes é Francisco Soares: “Violonista de primeira grandeza, compositor da melhor grandeza. Eu tenho quase todas as músicas do Francisco Soares” (MENEZES, 2013).

Quando foi morar definitivamente em Fortaleza Menezes foi contratado para tocar banjo-tenor em uma *jazz band*. O contato com o *jazz* nesse período se deu não só no Ideal Clube. Os Estados Unidos enviavam grandes artistas para entreter os soldados americanos da base militar de Fortaleza e esses artistas faziam um *show* na base e outro na praça pública. Com isso Menezes teve a oportunidade de assistir ao vivo as orquestras de Glenn Miller e Artie Shaw.

Foi desse período também o primeiro emprego de Menezes em rádio, tocando violão, na rádio PRE-9 de Fortaleza. Posteriormente, a convite do radialista César Ladeira, Menezes transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1943, para substituir Garoto na rádio Mayrink Veiga, tocando violão tenor.

Em 1947 Garoto convidou Menezes para a Rádio Nacional. Esse foi talvez o momento mais significativo de sua carreira. Menezes considerava a Rádio Nacional a sua universidade. Esse foi o período em que Menezes teve intenso contato com Garoto e Radamés Gnattali, figuras centrais de sua vida musical, tanto do ponto de vista estético quanto profissional, e as maiores influências em seu estilo violonístico.

A liberdade que Menezes se permitia e dava a quem interpretava suas músicas, remete ao conceito de Umberto Eco em *Obra Aberta*. O autor estabelece uma diferenciação entre a obra musical clássica, e as novas obras musicais, que “não consistem numa mensagem acabada, mas sim numa possibilidade de várias organizações confiadas à iniciativa do intérprete...” (ECO, 2010, p. 10).

Nesse sentido, as partituras resultantes do trabalho apresentado na dissertação (GONÇALVES, 2014) revelaram e documentaram um processo de liberdade interpretativa estimulado por Zé Menezes. O relato do processo para se chegar às partituras teve o sentido de esmiuçar e exemplificar a pesquisa: mostrar o processo e mostrar, também, o resultado desse processo, ainda que momentâneo. Como uma gravação, que é um retrato daquele determinado momento.

No processo da pesquisa, Menezes me deu acesso aos manuscritos e partituras digitalizadas, mas optei por aprendê-las de ouvido. As partituras serviram como consulta para confirmar o texto e analisar como ele havia pensado sua notação. Os manuscritos apresentavam as seguintes situações: igual à forma como Menezes tocou ao me mostrar a composição; com diferenças por erro de escrita; diferentes por mudanças de interpretação de Menezes; e diferentes por mudanças de interpretação minhas, incorporadas por Menezes.

Apesar de optar por aprender as peças por meio da audição, fiz registro escrito dessa prática musical oral. Procurei chegar a uma versão das peças que fosse fiel ao próprio processo e que incorporasse mudanças ocorridas no estudo. Como complemento, haverá o registro em disco das peças que fizeram parte da dissertação, a ser lançado comercialmente.

Desdobramento da Pesquisa

Ao receber a notícia da morte de Menezes, peguei o violão e, intuitivamente, comecei a tocar, não as peças para violão solo, que tanto trabalhei com ele, mas justamente suas músicas para bandolim e violão tenor, que eu o acompanhava. Sua falta obrigou-me a resolver no violão todos os elementos das músicas. Eu me senti obrigado a incorporar o tal “pensamento do multi-instrumentista”, a encontrar uma forma de tocar, no instrumento, peças não necessariamente compostas para o violão.

Nesse momento, espontaneamente, iniciou-se uma nova etapa da pesquisa, que continuou sendo sobre violão solo e sobre as composições de Zé Menezes. No entanto, a pesquisa não se restringia mais às composições originais para violão. A ideia passou a ser experimentar esse “pensamento de multi-instrumentista”, essa maneira de Menezes ver a música. Eu quis transportar para o violão todo o conhecimento adquirido nesses anos de convivência e incorporar ao instrumento ideias que Menezes concebeu para outras formações.

Passei então a pesquisar procedimentos utilizados por Menezes na interpretação dessas peças, que poderiam ser incorporados à versão para violão. Na peça *Gafieira Carioca n° 2* encontram-se alguns exemplos desses procedimentos e sutilezas entre a versão escrita (Figura 1) e a versão tocada. (Figura 2)



Figura 1 – *Gafieira Carioca n° 2*, versão escrita

Fonte: Elaborada pelo autor desta pesquisa



Figura 2 – *Gafieira Carioca n° 2*, versão tocada por Menezes

Fonte: Elaborada pelo autor desta pesquisa

As notas acrescentadas por Menezes nos dois últimos compassos além de dar mais força, pressão sonora, têm também a função de explicar a harmonia e a condução harmônica pensada. Esse era um recurso bastante utilizado por Menezes. Ele não só estava tocando a melodia, mas também explicando a harmonia a quem o estivesse acompanhando. E, mais do que explicar a harmonia, explicava a condução harmônica. Quais acordes deveriam ser tocados no tempo e quais deveriam ser tocados de forma sincopada.

Na versão para violão (Figura 3) há mais recursos para se executar uma harmonia mais cheia e acrescentar os baixos. Mas a condução harmônica sugerida por Menezes continua presente.



Figura 3 – *Gafieira Carioca n° 2*, versão violão solo

Fonte: Elaborada pelo autor desta pesquisa

A parte B da música foi originalmente concebida como um diálogo entre violão

tenor, que faz a melodia, e violão de 7 cordas, que faz o contraponto. Na ausência do violão tenor, o violão incorpora as duas funções. (Figura 4)



Figura 4 – *Gafieira Carioca nº 2*, parte B, versão violão solo
Fonte: Elaborada pelo autor desta pesquisa

Comigo é assim é outra peça original para violão tenor. Com letra de Luiz Bittencourt, transformou-se em uma das canções de maior sucesso de Menezes, tendo sido gravado por inúmeros artistas, como Tom Jobim, Elis Regina e o conjunto vocal Os Cariocas.

Menezes a tocava no violão de uma maneira que representava bem seu estilo violonístico. O pensamento orquestral presente em sua escrita pode ser visto na harmonização em bloco da parte A (Figura 5).



Figura 5 – *Comigo é Assim*, versão violão solo
Fonte: Elaborada pelo autor desta pesquisa

Tal versão difere bastante da forma como a tocava no violão tenor. É um ótimo exemplo de como Menezes sabia adaptar uma mesma música ao idiomatismo do instrumento que estivesse tocando no momento. Não havia nesse caso sequer a preocupação de fazer de fato um arranjo para violão. Apenas tocava, naturalmente.

Comecei então a fazer um arranjo para violão solo, incorporando o estilo violonístico de Menezes e ideias concebidas por ele para arranjos dessa música para outras formações.

Esse arranjo foi acrescido então da introdução (Figura 6), da coda (Figura 7) e do soli (Figura 8) composto por Menezes para o arranjo de *Big Band* gravado no CD *Autoral II - Gafieira Carioca*.

7ª em si

intro tema

Figura 6 – *Comigo é Assim*, introdução
Fonte: Elaborada pelo autor desta pesquisa

Figura 7 – *Comigo é Assim*, coda
Fonte: Elaborada pelo autor desta pesquisa

Figura 8 – *Comigo é Assim*, soli
Fonte: Elaborada pelo autor desta pesquisa

Considerações Finais

Este recital-conferência se propôs a demonstrar parte da minha dissertação de mestrado que trata da obra de Zé Menezes para violão solo, de um estilo violonístico e uma maneira particular de abordar o instrumento. As hipóteses estabelecidas foram comprovadas e o estudo contou, para isso, com a privilegiada participação do compositor.

Assim como a transmissão oral teve e tem grande importância nesse contexto musical, este estudo valorizou a oralidade também no aspecto histórico e isso se tornou possível a partir de depoimentos de Zé Menezes, notadamente em relação à sua história e a de

sua obra, como também no que se refere ao registro do processo deste estudo e da fecunda relação compositor/intérprete que se estabeleceu entre nós. Menezes foi exemplar para essa relação, à medida que sempre deu total liberdade aos intérpretes de sua obra.

No contexto de práticas interpretativas, linha de pesquisa deste estudo, pareceu de especial interesse registrar a experiência de um instrumentista cujo trabalho durante toda a vida foi realmente a *performance*: tocar, compor, arranjar. Mas, sobretudo, tocar.

O estudo concluiu que a experiência como músico e arranjador de orquestras, bem como o domínio de outros instrumentos, contribuíram para o estilo violonístico desenvolvido por Zé Menezes e que é possível manter a abertura e a liberdade de interpretação, características da cultura em que se insere a obra de Menezes, ainda que realizando uma edição das partituras no mesmo formato utilizado para as peças do repertório do violão clássico. Espera-se que o resultado possa contribuir para que o conhecimento adquirido seja compartilhado com leitores e apreciadores da música em geral e do violão solo, em particular.

Referências:

- ALBERTI, Verena. **Manual da história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ANDRADE, Mário de. **Introdução à estética musical**. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.
- ECO, Umberto. **Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010
- GONÇALVES, Marcello. **A obra para violão solo de Zé Menezes: influências, estilo e contribuições para a literatura do instrumento**. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em Música). Centro de Letras e Artes – Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2014
- KAPLAN, José Alberto. **A objetividade na interpretação musical: um mito**. 2005. Disponível em:
<http://fmail2.uol.com.br?cgibin/webmail.exe/Governo_da_Paraíba.htm?ID=itDIH7>.
Acesso em: 3 abr. 2014.
- MENEZES, José [**Depoimento**]. 2012a. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à Helena Rüegg em 2012.
- MENEZES, José. [**Depoimento**]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à Marcello Gonçalves para sua Dissertação de Mestrado em: 2011, 2012c, 2013 e 2014.